

A primeira guerra mundial: Sigmund Freud e a missão dos intelectuais

The First World War: Sigmund Freud and the Mission of the Intellectuals

João Carlos Soares Zuin*

Abstract

This article examines some of the factors that explain the role of the intellectuals who faced the crisis of modernity at the beginning of the twentieth century. The author provides a comparative analysis of the debates about the idea of history and the idea of the intellectual in Germany at the beginning of the First World War. Specifically, the argument focuses on the substantial changes that took place regarding the intellectuals' mission once the idea of the national glory of individual nations took the place of universal ideals. Notions of reason, science, culture, liberty and equality changed to concepts of race, blood, power, instincts and the redemption of war.

Keywords: Modernity, intellectual, Freud, First World War.

Resumo

Este trabalho propõe-se a fornecer elementos para estudar o papel dos intelectuais diante da crise da modernidade no início do século XX. Por meio desse enfoque, faço uma análise comparativa dos debates sobre o sentido da história e o sentido do papel dos intelectuais na Alemanha no início da primeira guerra mundial. O foco de análise foram as mudanças substanciais no sentido da missão dos intelectuais em decorrência da introdução do ideal de glória de cada nação na política mundial. Ideais de razão, ciência, cultura, liberdade e igualdade foram substituídos pelas palavras raça, sangue, poder, instintos e redenção pela guerra.

Palavras-chave: Modernidade, intelectual, Freud, primeira guerra mundial.

1. A crise da modernidade: os intelectuais e a disputa sobre o sentido da história

Os debates a respeito do papel e da função dos intelectuais na sociedade contemporânea acompanham, via de regra, o curso aberto pelas investigações que procuram decifrar o significado das mudanças políticas e econômicas ocorridas na ordem social existente. Toda profunda alteração do sentido da história - prenunciada pelos processos de transformação sócio-econômico, pelas crises e rupturas da ordem política que revelam um mundo que se desfaz -, possibilita o surgimento de novos debates sobre a missão dos intelectuais na nova ordem social e política.

* Professor de Sociologia da Universidade Estadual de Londrina-PR.

O trágico início do século XX em 1914 promoveu um momento histórico no qual o sentido da história e o sentido do papel dos intelectuais aparecem como um decisivo *problema*, seja no campo da poesia e da literatura, seja no domínio da filosofia e das recentes ciências humanas. A eclosão da primeira guerra mundial revelou a existência de uma situação nova e sem precedentes dentro da história. A tremenda fúria destrutiva realizada pelos exércitos nacionais numa guerra total alterou, decisivamente, os sentidos que recobriam as palavras e os objetos, as tradições e os valores morais, a ciência e a razão, a barbárie e o progresso, o passado e o presente, as concepções de mundo e o poder. A bestial onda de destruição que resultou em "um número de vítimas maior do que o dobro dos mortos em todos os conflitos de relevo ocorridos entre 1790 e 1914"¹ modificou tanto o sentido da história como o sentido da missão dos intelectuais. Mobilizados como toda outra reserva de energia física ou material, chamados para participar da guerra enquanto soldados da pátria, os intelectuais foram conduzidos à tarefa de redefinir o sentido que a história possuía até então, como também o sentido de sua própria identidade social à luz dos interesses de cada Nação em estado de guerra.

Nos anos de preparação da primeira guerra mundial ocorria em toda a Europa uma substancial alteração no sentido da história marcada pelo abandono dos valores universais do Iluminismo e das "idéias de 1789". É o que acentua o historiador inglês Eric Hobsbawm, ao refletir sobre as mudanças sociais e políticas ocorridas durante a crise do liberalismo no início deste século, observando que:

*Prontamente, muitos representantes da burguesia trataram de exonerar os ideais da razão, ciência, cultura, liberdade e ilustração, e procuraram manifestar à redenção dentro da guerra, do poder e dos instintos. Crise cultural e moral que se manifesta em Friedrich Nietzsche e Maurice Barrès.*²

A reação contra a Ilustração foi um fenômeno presente em toda Europa, mas que surtiu efeito profundo na Alemanha do Kaiser Guilherme II. O sentimento de desprezo pelos valores universais do Iluminismo, sobretudo, pelas conquistas sociais e políticas da Revolução Francesa, e a celebração da guerra como purificação e libertação do espírito alemão da sombra da decadência aparecem de forma emblemática nas obras de vários intelectuais alemães.

Refletindo sobre a atmosfera cultural e política na Alemanha do início deste século, Herbert Marcuse no ensaio *Der Kampf gegen*

¹ SERRA, M. *La Ferita della modernità. Intellettuali, totalitarismo e immagine del nemico*, Bologna. Società editrice il Mulino, 1992, p. 17.

² HOBBSAWM, E. *Historiker wie auf Urlaub*. Eric Hobsbawm im Gespräch mit Daniel Haufier. In *Neue Rundschau*, Heft 4, 1996, p. 89.

den Liberalismus in der totalitären Staatsauffassung (A luta contra o liberalismo na concepção dos Estados totalitários), chama a atenção para o processo de “desvalorização da história” (*Depravierung der Geschichte*) presente na obra dos principais escritores, poetas e cientistas alemães que buscavam redefinir o sentido da história no início deste século:

Desde antes da guerra mundial impôs-se a tendência à celebração de um novo tipo de homem; ela encontrou seus adeptos em quase todas as ciências do homem, da Economia Política (Nationalökonomie) até a Filosofia. Em linhas gerais, iniciam o ataque contra a hipertrofia da racionalização e da tecnicidade da vida, contra o “bourgeois” do século XIX com seus pequenos prazeres e seus objetivos miúdos, contra o espírito mercantil e comercial, e a corrompida “anemia” (Blutarmut) da existência. Esta nova imagem do homem pronuncia a mistura dos símbolos da época dos Vikings, da mística alemã, do Renascimento e da época dos soldados prussianos: o homem heróico, atado às forças do sangue e da terra, - o homem, que mesmo passando pelo céu e pelo inferno sem hesitar sacrifica-se em “combate” [...] Em múltiplas variações, mas sempre mantendo o mesmo posicionamento contra a existência bourgeoise e intelectualística, encontra-se a celebração desse tipo de homem no Círculo de George, em Moeller van den Bruck, Sombart, Scheeler, Hielscher, Jünger entre outros.³

Marcuse salienta alguns dos valores que uniam os escritores e os cientistas alemães em torno da exaltação ao homem heróico, aquele novo homem que deveria promover o fim do atual estado de decadência oriundo do avassalador processo de racionalização da modernidade burguesa. Na composição do desejo de existência de um novo tipo de homem estavam presentes a aversão e o mal-estar produzidos pelo processo de racionalização e pelo progresso técnico-científico que geravam a “desgermanização da Kultur”, a perda da alma e a “ameaça” da americanização da vida e do espírito germânico. Logo, no centro da concepção de mundo do “realismo heróico-popular” pulsava a exaltação dos verdadeiros valores germânicos, tais como:

O sangue contra a razão formal, a raça contra as aspirações finais racionais, a honra contra a cobiça, a lealdade (Bindung) contra o comportamento do “livre” arbítrio, a totalidade orgânica contra a dissolução individualista, a combatividade (Wehrhaftigkeit) contra a segurança burguesa, a política (Politik) contra o primado da economia, o Estado (Staat) contra a Sociedade, o povo contra a massa e a individualidade do homem.⁴

Aversão total ao século XIX; tal era a senha que unia a inteligência alemã em seu desejo de reorganizar e renovar a nação, afas-

³ MARCUSE, H. *Der Kampf gegen den Liberalismus in der totalitären Staatsauffassung*. In *Kultur and Gesellschaft I*, Frankfurt, Suhrkampf Verlag, 1965, p. 17 e ss.

⁴ *Idem*, p. 17.

tando-a da ameaçadora sombra da decadência vinda de fora, da influência nefasta do racionalismo e das idéias políticas francesas, da mecanização da esfera da vida anglo-americana.

Um verdadeiro sentimento missionário que Friedrich Gundolf, um dos mais destacados poetas do Círculo de Goerge, evocava dizendo:

O nosso mundo excessivamente desperto, fatigante, de fala descaradamente inquieta, barulhento, e no fundo com uma irresolução desprovida de calor, o poeta é o guardião do fogo sagrado ou não é nada...é custódio da vida misteriosamente cálida ou é um charlatão decorativo.⁵

No ato de recusa à vida social de sua época, Friedrich Gundolf, como tantos outros membros da "geração de 1914", transforma-se no guardião da Kultur, no defensor dos altos valores espirituais que não podem mais ser cultuados no mundo rarefeito e desprovido dos "genuínos" valores. Contra o mundo contemporâneo tecido pela civilização tecnológica e científica do capitalismo britânico e francês, Gundolf enaltece o papel sagrado, a missão imperial da Alemanha de virilizar o mundo ocidental em seu estado de decadência espiritual e desorientação moral.

Em *Hegel e a catástrofe alemã*, o filósofo italiano Domenico Losurdo apresenta uma original leitura crítica sobre o processo de formação da chamada "geração de 1914" na Alemanha Imperial. No centro dos argumentos que elabora para compreender a essência da filosofia e da propaganda de guerra alemã, o filósofo italiano coloca em destaque a maneira como os escritores e cientistas abandonaram o conceito universal de homem para edificar um novo sentido para a história fundamentado, sobretudo, no apelo ao retorno à tradição, aos mitos e aos genuínos valores germânicos. Para Losurdo, a chave que ajuda a desvendar o novo sentido da história elaborado pelos membros da "geração de 1914" é aquela que nos ajuda a revelar no interior de cada juízo a presença de um enérgico combate dirigido contra as idéias francesas de 1789. Desse modo, o autor procura reconstituir a evolução do "espírito do tempo" contido nas "idéias de 1914" através da abordagem crítica da história alemã e dos principais intelectuais desta geração tais como Rudolf Eucken, Paul Natorp, Ernst Troeltsch, Max Weber, Georg Simmel, Max Scheler, Werner Sombart, entre outros.

Seu interesse, portanto, é o de expor os contornos gerais da visão trágica da modernidade presente na Alemanha do Reich. Numa espécie de balanço histórico das idéias sociais e políticas elaboradas na Alemanha da primeira metade deste século, Losurdo afirma que:

⁵ Apud LEPENIES, W. *Las tres culturas. La Sociología entre la Literatura y la Ciencia*, trad. I. Colón, México, fondo de Cultura económica, 1994, p. 276.

A Primeira Guerra Mundial tem sido acompanhada do lado alemão por uma orgia sentimental sem precedentes, orgia que se perseguirá e desenvolverá ulteriormente sob o nazismo. O apelo ao romantismo e as forças secretas da alma e do sentimento remonta desde as Befreiungskriege; e esse apelo, conforme se modificam, com pouca diferença, os motivos cada vez mais irracionalistas e mitológicos, será uma constante da Alemanha de Guilherme II a Hitler.⁶

Assim, Losurdo procura demonstrar como os conceitos de povo, império, comunidade, espírito, vida, herói, morte, destino, entre outras expressões tecidas para propagar a singularidade do ser alemão e do destino do Reich na política mundial, foram construídos em direção oposta àquela formulada mediante os conceitos universais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade derivados da Revolução Francesa. Logo, sob o slogan das "idéias de 1914", formulado inicialmente por Plenge, e difundido muito prontamente como argumenta o historiador inglês Hobsbawm, muitos intelectuais alemães procuram efetuar uma nova leitura sobre o sentido da história fundamentada na unicidade do ser alemão e nos valores genuínos da Kultur:

Após Sedan e a derrota da França, a palavra de ordem "idéias de 1871" faz sua aparição na Prússia e na Alemanha em oposição às "idéias de 1789", das quais os nacionais-liberais falam doravante com o maior desprezo. Oportunamente adaptadas, o slogan de 1870-1871 conhecerá, durante a Primeira Guerra Mundial, um sucesso tão enorme como funesto. Tais serão as "idéias de 1914", cujo conteúdo será determinado caso a caso, mas sempre contra a Revolução Francesa. Sob sua forma mais extrema, essa oposição liquida os puros "ideais mercantis" (Händlerideale) do trinômio "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", em nome da realidade da desigualdade, da luta entre os homens, e do culto ao super-homem: "A guerra de 1914 é a guerra de Nietzsche: a Alemanha a aura enfurecida, e é nela que a Alemanha tem sido animada pelo espírito de Nietzsche". Em Sombart é a filosofia do super-homem, considerado como o ponto de partida de toda a evolução espiritual alemã, que será objeto de celebração.⁷

Queremos, aqui, nos restringir à análise de três observações feitas por Domenico Losurdo sobre a evolução da história das idéias entre o final dos Oitocentos e o início dos Novecentos na Alemanha do segundo Reich: 1) o entendimento das "idéias de 1914" somente pode ser alcançado quando se efetua uma análise história da evolução do pensamento alemão a partir das *Befreiungskriege* (guerras de libertação de 1813-1815) e da elaboração das "idéias de 1871"

⁶ LOSURDO, D. *Hegel et la catastrophe allemande*, trad. Charles Alunni, Paris, Albin Michel, 1994, p. 107.

⁷ Id., p. 73.

156

após a guerra franco-prussiana. Na sua abordagem crítica do conservantismo, em três momentos decisivos da história alemã - guerra de libertação, guerra franco-prussiana e a primeira guerra mundial -, o autor estabelece como fio condutor a presença constante de uma oposição ferrenha contra todas as teorias revolucionárias derivadas da Revolução Francesa de 1789; 2) após a batalha de Sedan (1871) surge na Europa um profundo dissídio entre duas culturas que lutam doravante para determinar o sentido da história, um dissídio entre o modelo de Civilisation francesa e a Kultur germânica, e, 3) o modo como o papel dos intelectuais foi amplamente alterado no intervalo temporal existente entre a guerra franco-prussiana e a primeira guerra mundial.

No percurso histórico existente entre 1871 e 1914, Domenico Losurdo avalia o surgimento da ideologia de guerra e o modo como os intelectuais alemães e franceses são chamados para contribuir na tarefa de justificação e a valorização da guerra de destruição total dos inimigos. Se na Alemanha Imperial o dissídio entre a Kultur e a Civilisation francesa era alimentado pelos jargões que celebravam à vitória na guerra de 1871 tais como Sedanstage (Dia de Sedan), Sedansfeste (Festa de Sedan), Heroenkult (Culto ao Herói), na França da Terceira República o desejo de uma nova guerra era cultuado pelos escritores e políticos, inconformados pela derrota sofrida nos campos de batalha e ansiosos pelo retorno da França para a posição de "senhora de si-mesma e senhora do mundo".⁸ Assim, na leitura que Domenico Losurdo estabelece sobre os principais protagonistas das "idéias de 1914", podemos observar como a edificação dos conceitos de alma, poder, instinto, força, morte, sangue, solo, destino, entre outros, eram contrapostos aos valores do iluminismo e da civilização francesa como os de liberdade, igualdade, direito de voto, racionalismo, política, intelectuais e democracia.

A exaltação da guerra como purificação dos indivíduos e da Nação, aparece em destaque na obra *O Gênio da Guerra e o gênio alemão* (1915), de Max Scheler. Para o autor, a guerra é o único meio mediante o qual "o homem deixa de ser um "verme da terra" que possui a visão limitada, para se afirmar, enfim, como existência consciente e espiritual".⁹ Na valorização e justificação da guerra mundial promovida pelos ideólogos da "geração de 1914", o que estava em questão era o imperativo desejo por uma alteração completa da realidade. Sentimento esse expresso nas diversas sentenças endereçadas ao surgimento de um novo homem, de uma nova alma, de um novo ethos, de uma nova Kultur, de uma nova Alemanha, de um novo Mundo. No centro do ideário da "geração de 1914" estava presente

⁸ Apud, SERRA, M. *op. cit.* p. 36.

⁹ Apud, LOSURDO, D. *op. cit.* p. 79.

o imperativo desejo pelo “novo” que, todavia, somente poderia ser encontrado através da experiência da guerra, fonte na qual se libertaria o autêntico ser-outro que se encontrava latente até então. A respeito da evasão da ordem racional da modernidade burguesa e da crença na celebração da guerra como um instrumento de libertação e purificação dos indivíduos e das Nações, Domenico Losurdo afirma que para os ideólogos da “geração de 1914” a guerra era concebida como: “[...] o instrumento de uma libertação dos grilhões da vida quotidiana na sociedade, aquilo que permite o reencontro com o “romantismo da vontade de viver perigosamente”. Nós somos, assim, reconduzidos ao mundo dos cavaleiros, dos heróis e dos duelos que os românticos opunham ao lado irremediavelmente prosaico e mecânico de um mundo moderno que Hegel, dentro de seu espírito filisteu, ousou celebrar. Sim, o mundo moderno - havia declarado na *Estética* - é belo imediatamente caracterizado pela supremacia absoluta da “ordem legal dentro de sua forma prosaica”; o desenvolvimento da vida é assim marcado pelas “formas, as leis, as regras e as máximas de caráter geral”. Acerca desse lado prosaico e acerca da sufocante uniformidade se opõe agora a intensidade vital e existencial da guerra pela qual o indivíduo é conduzido para reencontrar sua autenticidade perdida”.¹⁰

Para Werner Sombart, o destino da Alemanha no mundo moderno era concebido da seguinte maneira: “Como o pássaro alemão, a águia flutua acima de todos os animais da terra, e é por isso que a Alemanha deve se sentir superior à toda a gentinha (Gevölk) que a envolve e que ela considera do céu como dentro de um abismo sem fundo”.¹¹ Na sua celebração da missão imperial da Alemanha no mundo, Sombart não utiliza argumentos racionais mas sim figuras e símbolos míticos da tradição germânica para enfatizar a posição singular da Alemanha na política mundial. No centro de sua argumentação repousa a idéia da eterna luta entre raças superiores e inferiores, entre povos eleitos para a exploração e dominação e povos subjugados e oprimidos. Uma nova abordagem do sentido da história, influenciada pelo darwinismo social, e que revela, em si mesma, a presença da principal fratura que a primeira guerra mundial impunha aos intelectuais europeus, a profunda dissolução dos conceitos de humanidade, de universalidade e de história derivados da idéia de era moderna concebida entre o iluminismo francês e a Revolução Francesa.

A dura fratura no ideal de humanidade aparece de forma emblemática no mesmo Werner Sombart, quando afirma que o novo papel do intelectual deveria ser o de “desembaraçar nossa alma das

¹⁰ LOSURDO, D. *op. cit.* p. 79.

¹¹ Apud, LOSURDO, *op. cit.* p. 73 e 55.

últimas aparências do antigo ideal de uma evolução regular da humanidade".¹² Acentuando a singularidade do alemão perante ao resto da humanidade, Sombart abandona o conceito universal de homem bem como os demais conceitos derivados das idéias revolucionárias de 1789, tais como humanismo, pacifismo e internacionalismo. Contra os valores ocidentais alheios à Kultur germânica, Sombart, como tantos outros intelectuais e literatos alemães da "geração de 1914", defende a necessidade do retorno para a casa, para o culto à interioridade da tradição germânica. Uma crença que Losurdo afirma estar no centro das "idéias de 1914":

Se dirigimos nosso olhar sobre a filosofia ou a propaganda de guerra alemã, perceberemos que um de seus motivos essenciais é a celebração da particularidade irreduzível do povo alemão: a "liberdade alemã" é oposta ao desenvolvimento histórico da Europa ocidental. Trata-se de uma liberdade que se apóia sobre uma "interioridade", da qual o povo alemão é dotado mais do que algum outro, e que ele deve defender inclusive mediante uma guerra mundial a fim de evitar "um enfraquecimento e um endurecimento da mais nobres forças da alma". Uma liberdade alemã que fixa suas raízes dentro do "espírito metafísico-religioso" do povo alemão. Liberdade alemã, interioridade alemã, religiosidade alemã: trata-se aqui da retórica e da mitologia teutômanes desenvolvidas durante a resistência anti-napoleônica [...] "Livres, cristãos, alemães": é assim que Eucken define os objetivos da Alemanha em guerra e que Natorp fala da "alma alemã", e mesmo do "Deus dos alemães"; somos pela segunda vez reconduzidos às palavras de ordem das Befreiungskriege, à sua beatice bem mais teutônica que cristã. A única novidade é que agora essa argumentação ideológica é utilizada para justificar a missão imperial da Alemanha, que não se opõe somente à tradição política francesa, mas igualmente à tradição inglesa.¹³

Para muitos intelectuais alemães a guerra de 1914 era concebida como um acontecimento absoluto que possibilitava tanto o retorno dos valores alemães autênticos como os de lealdade, camaradagem, aventura, triunfo do corpo, sacrifício, renúncia à solidão e à decadência do espírito moral, como também promovia o surgimento de novos heróis e a formação de uma nova e verdadeira comunidade fundamentada nos valores do sangue e da terra. Ao analisar a presença destes elementos no ideário da "geração de 1914", Domenico Losurdo argumenta que "se Plenge fala da "comunidade do povo"(Volksgemeinschaft), Troeltsch lamenta a "separação da sociedade abstratamente racionalizada e subjetivada da grande sociedade unificada pelo sangue e instinto, hábitos e símbolos".¹⁴ No lamento

¹² Apud LOSURDO, op. cit. p. 156.

¹³ LOSURDO, D. op.cit. 81.

¹⁴ Apud LOSURDO, D. op. cit. p. 89.

que Ernst Troeltsch dirige contra os males da civilização francesa e inglesa, revela o autor toda a aversão que sente perante a modernidade e a “civilização quantitativa” que conduzia as pessoas ao egoísmo e à perda dos valores morais. Um lamento tipicamente pré-moderno, próximo daquele que Rudolf Kjellén, um dos primeiros defensores das “idéias de 1914”, expunha como o verdadeiro imperativo de sua geração: segundo Kjellén, “devemos deter-nos em alguma parte para ensimesmarmos, se não queremos que nossa alma se desgarre”.¹⁵ Deter o curso da história, recusar o progresso nos moldes do racionalismo ocidental, cultivar a interioridade e celebrar o privado, purificar a alma e a comunidade germânica, exaltar o eterno retorno ao mesmo, combater as idéias sociais e políticas alheias à tradição germânica. No seu ideário, Kjellén enaltece como unicamente verdadeiras a tradição e a Kultur germânica, locus nos quais os intelectuais deveriam encontrar a motivação e a força para enfrentar os inimigos que disseminavam a decadência dos valores e que ameaçavam a existência da pátria. Logo, no centro do ideário da “geração de 1914” estava contido o desejo de redefinir o sentido da história; desejo manifesto na preocupação em deter a marcha da racionalização do mundo e nas ações voltadas para o resgate do sentido perdido da “comunidade social do povo”.

Segundo a boa tese de Domenico Losurdo, “com a primeira guerra mundial alcança a maturação um processo inaugurado durante a guerra franco-prussiana”.¹⁶ Losurdo desenvolve aqui observação feita pelo historiador francês Fustel de Coulanges sobre a alteração no papel dos intelectuais ocorrida nos anos da guerra franco-prussiana de 1870-1871, segundo o qual “a historiografia e a cultura em geral foram transformadas em “um posto do governo e um instrumento de guerra”. Para Fustel de Coulanges, a guerra franco-prussiana revelou que a “guerra dos eruditos” era somente uma preparação e um prolongamento da “guerra dos soldados”.¹⁷

De fato, a partir desta guerra, nos dois lados do rio Reno, o papel dos intelectuais adquire uma nova conotação e sentido. No interior da Terceira República e nos limites da Alemanha do novo Reich em formação, os intelectuais iniciaram o processo de abandono da torre-de-marfim para contribuírem diretamente na tarefa de redefinir um novo sentido para a sua sociedade e para a história. Uma nova condição histórica, na qual o papel dos intelectuais era sintetizado por Fustel de Coulanges da seguinte maneira: “cada Na-

¹⁵ Apud LEPENIES, W. *op. cit.*, p. 223.

¹⁶ Ver LOSURDO, D. *op. cit.*, e também LOSURDO, D. *Il peccato originale del Novecento*, Roma-Bari, Editori Laterza, 1998.

¹⁷ Apud LOSURDO, D., “L’engagement e i suoi problemi. Fortuna e tramonto di una categoria nella cultura italiana”, in Prassi. Come orientarsi nel mondo, a cura di G. M. Gazzaniga, D. Losurdo, L. Sichirolo, Urbino, Quattro Venti, 1991, p. 105.

ção convoca irresistivelmente seus intelectuais e seus artistas para se colocar a seu serviço".¹⁸

2. *Si vis vitam, para mortem*

Si vis vitam, para mortem, Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte. Sigmund Freud escreveu tais palavras no final do ensaio *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, escrito em 1915, que no seu conjunto compõem um significativo aforismo sobre a sociedade capitalista moderna, para descrever o trágico momento histórico no qual se encontravam os diversos Estados em luta. Nessa sentença, derivada do antigo dito *Si vis pacem, para bellum*, Se queres a paz, prepara-te para a guerra, Freud buscou retratar o profundo impacto causado pela primeira guerra mundial na vida dos indivíduos e nas instituições do Estado contemporâneo. A implacável destruição da natureza e dos homens promovida pelos exércitos nacionais permanentes, nunca antes vista com tamanha fúria dentro da Europa, alterava o sentido que a vida e a morte possuíam para as pessoas. Na densa nuvem de incertezas e temores que encobria toda a Europa, Freud comprovava a idéia de que o homem civilizado desce diretamente de uma longa linhagem de matadores. Mais do que nunca, reafirmava sua convicção de que sobre a base da vida se assenta a morte. Contudo, na composição do aforismo devemos observar a revelação de um novo princípio da realidade construído pelas forças que compõem o "Estado combatente", entidade que para Sigmund Freud manipula, segundo os seus interesses, o sentido da vida e da morte.

A expressão "Estado combatente" possui um forte significado para Sigmund Freud. É através dela que o autor procura demonstrar toda a hipocrisia cultural e o cinismo do chamado "Estado civilizado". Freud observa que o "Estado civilizado", que exige dos cidadãos a repressão das suas pulsões agressivas e destrutivas mediante as regras de conduta e moralidade, revela toda a sua *falsidade* quando *monopoliza* e maneja o uso da violência, da coerção, da morte e da destruição de seus próprios partícipes ou dos inimigos externos. Para Freud, a eclosão da primeira guerra mundial demonstrava as bases pouco sólidas que sustentavam a civilização moderna e a concepção de humanidade vigentes até então. Os mandamentos religiosos, as disposições morais, os valores educacionais e culturais, não impediram que o homem regredisse à mais bárbara expressão do seu ser, a figura do matador. Freud insiste sobre o fato de que todo o esforço

¹⁸ Apud LOSURDO, D. *Hegel et la catastrophe allemande*, trad. Charles Alunni, Paris, Albin Michel, 1994, p. 99.

multissecular dirigido no sentido de incorporar a idéia de humanidade no plano da ação e do comportamento do homem moderno foi rompido pelos interesses políticos e econômicos dos "Estados combatentes". Alexander Mitscherlich, analisando a importância do mandamento "tu não matarás" para Sigmund Freud, expressão de um consenso que se originou do fato de que "descendemos de uma longa linhagem de matadores, para os quais, como porventura para nós igualmente, o prazer de matar era todo ele natural",¹⁹ argumenta que:

Em definitivo, a característica mais importante de cultura é essa: um homem é cultivado quando ele dispõe de uma convicção pessoal relativamente constante no momento onde as situações geradoras de afetos o colocam em contato com seus próprios movimentos pulsionais. A morte é a violação mais flagrante de nossa moral de grupo; ela é punida da maneira a mais rigorosa, mas essa punição, dentro das guerras que nos ameaçam, cessa todavia de se exercer.²⁰

Mitscherlich trabalha, aqui, com conceitos centrais da noção freudiana de cultura, bem como destaca a necessidade fundamental do fortalecimento das energias do ego e da formação autêntica da vontade, única maneira pela qual o indivíduo poderia controlar a sua própria natureza subjetiva e exercer um papel ativo nos dilemas de seu presente histórico. Contudo, como expõe Mitscherlich, essas "aspirações morais da humanidade", tão cultuadas por Freud, foram suprimidas no momento em que as principais instituições do Estado contemporâneo manipularam as pulsões agressivas e destrutivas de seus cidadãos segundo os seus interesses particulares. Transformados pelo "Estado combatente" em membros de uma comunidade da morte, os indivíduos abandonaram as exigências e as restrições necessárias para a vida na civilização assumindo, assim, as suas antigas vestes de matadores. Segundo Freud, a transformação do cidadão em guerreiro revela a total submissão do indivíduo perante o fortalecimento do poder do "Estado combatente". No centro do argumento de Freud está a idéia de que o "Estado combatente" impede que os indivíduos exerçam um controle efetivo sobre as suas próprias pulsões de agressão, de destruição e de morte.

Numa passagem repleta de farpas dirigidas aos intelectuais europeus que enalteciam a guerra e, por conseguinte, o Estado como detentor de um poder ilimitado sobre a vida e a morte de seus cidadãos, Freud observa que:

"O cidadão individual comprova com espanto, nesta guerra, algo que já vislumbrou na paz: comprova que o Estado tem proibido ao

¹⁹ FREUD, S. Consideraciones de actualidad sobre la guerra e la muerte. In: *Obras Completas*, trad. Luis López-Ballesteros y de Torres, volume II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1948, 1014.

²⁰ MITSCHERLICH, A. *Vers la société sans pères*, trad. M. Jacob, Paris, Éditions Gallimard, 1969, p. 41.

indivíduo a injustiça, não porque quisera aboli-la, senão porque pretendia monopolizá-la, como o tabaco e o sal. O Estado combatente se permite todas as injustiças e todas as violências, que desonrariam ao indivíduo. Não utiliza tão somente contra o inimigo a astúcia permitida (ruses de guerre), senão também a mentira e o engano consciente, e isso em uma medida que parece superar a acostumada em guerras anteriores.²¹

Como se vê, Sigmund Freud percebe profundas mudanças no papel do Estado na sociedade capitalista moderna. Monopolizador da violência e da injustiça, como o fez durante o período da colonização manipulando o tabaco e o sal, o "Estado Combatente" assume poderes ditatoriais, controlando de forma *total* os comportamentos e as idéias dos soldados e de toda a população civil. Um controle total, conforme expõe o psicanalista austríaco:

O Estado exige de seus cidadãos um máximo de obediência e de abnegação, mas os incapacita com um excesso de ocultação da verdade e com uma censura da intercomunicação da livre expressão de suas opiniões, que deixam indefeso o ânimo dos indivíduos assim submetidos intelectualmente, frente a toda situação desfavorável e todo ruído desastroso. Se desliga de todas as garantias e de todos os convênios que havia afirmado com outros Estados, e confessa abertamente sua cobiça e sua ânsia de poder, às quais os indivíduos têm que dar, por patriotismo, sua aceitação.²²

Manipulação total dos indivíduos; censura e ocultação da verdade; desejo de poder e cobiça. Nos argumentos de Freud podemos observar a formação dos elementos necessários para um universo totalitário no interior da Europa.

A idéia de que o Estado dispõe do "domínio absoluto de vida ou morte" dos seus cidadãos já está presente na obra *Segundo Tratado sobre o Governo*, de John Locke. Defendendo a proteção dos direitos de propriedade pelo governo, o filósofo inglês estabelece uma reveladora aproximação entre as instituições do Estado e a vida dos indivíduos, dizendo que:

A preservação do exército, e com ele a de toda a comunidade, exige obediência absoluta ao comando de qualquer oficial superior, e importa mercedamente em morte desobedecer ao mais perigoso ou desarrazoado deles ou com ele discutir: entretanto, vemos que nem o sargento, que poderia dar ordem a um soldado para postar-se diante da boca de um canhão ou em uma brecha onde quase com toda certeza perecerá, pode ordenar ao soldado que lhe dê um pêni do dinheiro que tem; nem o general, que pode condená-lo à morte por abandono do posto ou porque não obedeça às ordens mais desesperadas, tem poderes, apesar do domínio absoluto de vida ou morte, para dispor da menor

²¹ FREUD, S. *op. cit.* p. 1005.

²² *Id.*, p. 1005.

porção da propriedade do subordinado ou apoderar-se da menor parcela de seus bens, podendo, entretanto, ordenar-lhe tudo o que quiser, enforcando-o pela mais leve desobediência" (grifo meu).²³

Todavia, a dimensão moderna desta relação de força e poder concentrada nas instituições do Estado foi refletida por Max Weber no ensaio *O sentido da "neutralidade valorativa" das ciências sociológicas e econômicas*, publicado durante a guerra em 1917:

O desenvolvimento dos últimos decênios e, em particular, os acontecimentos sem precedentes de que hoje somos testemunhas têm elevado fortemente o prestígio do Estado. Somente a ele, entre todas as comunidades sociais, vem hoje atribuída uma força "legítima" sobre a vida, a morte e a liberdade; e seus órgãos utilizam tal poder contra os inimigos externos na guerra, e, na paz e na guerra, contra os opositores internos. Na paz, é ele o maior empresário e cobrador de tributos sobre os cidadãos, e na guerra dispõe ilimitadamente de todos os bens econômicos a seu alcance.²⁴

Nesta passagem extremamente clara e objetiva a respeito do papel do Estado na sociedade capitalista, discorrida durante uma reunião do grupo *Associação para Política Social*, Weber está se referindo às alterações ocorridas no Estado alemão a partir do seu processo de unificação em 1870 até a sua entrada triunfal na arena da política mundial. Sua abordagem científica sobre as funções que o Reich deveria desempenhar durante os períodos de paz e de guerra é toda ela fundada na idéia de que o Estado deve monopolizar o uso da força. Como se sabe, para Max Weber tal é a condição necessária para que exista o Estado moderno:

Sociologicamente o Estado moderno somente pode definir-se, em última instância, a partir de um meio específico que, tal como é peculiar a todo outro agrupamento político, lhe é próprio: o da coação física. "Todo Estado se baseia na força", disse um dia Trotsky em Brest-Litowsk. E isso é verdade [...] Em nossa época, entretanto, devemos conceber o Estado contemporâneo como uma comunidade humana que dentro dos limites de determinado território - o conceito de "território" corresponde a um dos elementos essenciais do Estado - reivindica para si (com êxito) o monopólio do uso legítimo da violência física.²⁵

Weber aponta para uma dimensão fundamental da sociedade capitalista, a crescente extensão do poder de intervenção do Estado.

²³ LOCKE, J. *Segundo Tratado sobre o Governo*, trad. E. J. Montelero, São Paulo, Abril Cultural, 1973, p. 95.

²⁴ WEBER, M. El sentido de la "neutralidad valorativa" de las ciencias sociológicas y económicas. In: *Ensayos sobre metodología sociológica*, trad. I. L. Etcheverry, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1973, p. 267.

²⁵ WEBER, M. *Economía y Sociedad*, trad. J. M. Echavarría, Argentina, Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 1056.

Conforme Weber o descreveu, o Estado moderno exerce um amplo poder de repressão interna e de ameaça externa. Nesta época carente de direção e sentido, como revela o próprio autor a respeito dos "acontecimentos sem precedentes de que hoje somos testemunhas", o sociólogo alemão comprovava a convicção que possuía na eterna permanência dos conflitos entre os homens e entre as Nações no cenário internacional. Logo, neste cenário marcado pelos conflitos e pelas guerras de ontem, de hoje e de sempre, a garantia da grandeza do Estado alemão estava diretamente ligada ao pleno exercício de seu "poder "legítimo" sobre "a vida, a morte e a liberdade". Idéia que Weber pôs em destaque, no final do seu ensaio, ao ressaltar que "ninguém pode dizer hoje por antecipação qual poderá ou deverá ser o aspecto das "idéias alemãs de 1918" reais, em cuja formação participarão também os guerreiros que voltam para suas casas. Isso compete ao futuro".²⁶ A convicção de que a formação das "idéias alemãs de 1918" somente poderia ser efetuada após o retorno dos guerreiros para casa revela, na verdade, a forte crença do autor a respeito dos conflitos e das guerras entre as Nações como algo inevitável, como também era inevitável a transformação do cidadão em guerreiro e o encontro deste com a morte nas trincheiras.

Contrário à enfática afirmação da guerra mundial como um acontecimento "grande e maravilhoso"²⁷ como afirmou Max Weber, Sigmund Freud critica a exaltação desenfreada que os intelectuais europeus realizavam em torno da grandeza de cada Nação e do poder ilimitado do Estado contemporâneo. Nos ensaios *Considerações atuais sobre a Guerra e a Morte* (1915) e *O Efêmero* (1915), Freud coloca em questão o empobrecimento da vida moderna, a hipocrisia reinante na sociedade contemporânea, a manipulação das pulsões de agressão e de destruição dos indivíduos pelo "Estado combatente", o conceito do progresso, a destruição dos valores universais dos indivíduos, a transformação do papel e da função dos intelectuais, o emprego da ciência na construção de armas de destruição total. É importante lermos nos ensaios de Freud escritos durante a primeira guerra mundial a presença de uma voz contrária àquela compartilhada por muitos intelectuais europeus, de direita e de esquerda, que justificavam e glorificavam a guerra como um acontecimento triunfal e decisivo para a edificação de uma verdadeira classe dirigente e, por conseguinte, de uma Nação forte e autêntica.

²⁶ WEBER, M. *Economía y Sociedad*, Trad. J. M. Echevarría, Argentina, Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 269.

²⁷ Na carta enviada para a sua cunhada, devido ao falecimento de seu irmão Karl Weber, Max Weber enfaticamente afirma que: "qualquer que seja o resultado, e acima de toda previsão, esta guerra é grande e maravilhosa (...) Nunca havia esperado isto e, venha o que vier, isto será algo inesquecível. Haver caído no campos de batalha é digno de uma vida feliz e rica" (apud Weber 1995, 492).

Para Freud, a guerra mundial revela possuir uma natureza nova, manifestada tanto pelo “aperfeiçoamento das armas de ataque e de defesa”, como por ser “mais sangrenta e a mais mortífera” vista na história da humanidade. Refletindo sobre a natureza nova da guerra de aniquilação total em curso, e de certo modo já pressentindo que as feridas abertas nos campos de batalha não serão cicatrizadas facilmente e que devem perdurar muito além de seu tempo, o autor observa que:

A guerra, na qual não queríamos acreditar, eclodiu e trouxe consigo uma terrível decepção. Não é tão somente a mais sangrenta e a mais mortífera que nenhuma das passadas, devido ao aperfeiçoamento das armas de ataque e defesa, senão também tão cruel, tão inflamada e tão sem quartel, pelo menos, como qualquer outra. Infringe todas as limitações às quais os povos se obrigam em tempos de paz - o chamado Direito Internacional - e não reconhece nem os privilégios do ferido e do médico, nem a diferença entre os núcleos combatentes e pacíficos da população, nem a propriedade privada. Derruba, com cega cólera, o que aparece a sua frente, como se depois dela não haveria de existir futuro algum, nem paz entre os homens. Rasga todos os laços de solidariedade entre os povos combatentes e ameaça deixar atrás de si um rancor que tornará impossível, durante muito tempo, sua reavaliação.²⁸

Assim, longe de enaltecer a guerra como um verdadeiro acontecimento, como era expresso por tantos intelectuais, Freud procura ressaltar o surgimento de um efetivo drama exterior que tanto produzia profundas mudanças na estrutura do aparelho psíquico dos indivíduos, como na organização da vida social e nas relações internacionais entre os Estados. Destacando o gigantesco poder de destruição presente numa guerra sem quartel, o psicanalista austríaco prevê que mesmo “o indivíduo que não passou a ser um combatente, converte-se numa partícula da gigantesca maquinaria de guerra”.²⁹ Um momento histórico no qual surgiam as trágicas expressões como “mobilização total”, “guerra total” e “política total”, como afirma o filósofo italiano Domenico Losurdo que vê em 1914 o surgimento do totalitarismo, entendido como,

O regime político correspondente à guerra total, uma guerra que tende ao controle total dos comportamentos e das idéias não somente da população combatente (a quase totalidade dos homens adultos), mas ainda da população aquém das trincheiras (ela própria parte integrante, sob o plano produtivo e ideológico, da mobilização total), enfim da sociedade civil enquanto tal.³⁰

²⁸ FREUD, S. Consideraciones de actualidad sobre la guerra e la muerte. In *Obras Completas*, trad. Luis López-Ballesteros y de Torres, volume II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1948, p.1004.

²⁹ Id., p. 1003.

³⁰ LOSURDO, D. *Il peccato originale del Novecento*. Roma-Bari, Editori Laterza, 1998, p. 37 e 40.

Em *Considerações atuais sobre a Guerra e a Morte*, Freud escreve sobre o profundo estado de mal-estar causado pela crescente perda dos valores culturais e pelo desmoronamento da concepção de humanidade. Neste ensaio, o autor desenvolve a tese de que a conquista da civilização exigiu dos homens a renúncia à satisfação das suas pulsões libidinosas e destrutivas. Logo, foi a partir da imperativa necessidade da transformação do princípio do prazer pelo princípio da realidade que foi possível a existência da civilização e da cultura, no sentido lato do termo: "a civilização tem sido conquistada por obra da renúncia à satisfação dos instintos e exige de todo novo indivíduo a repetição de tal renúncia".³¹ Todavia, Freud acrescenta a sua tese originária que a mesma civilização que exige dos indivíduos a renúncia e a opressão das pulsões acaba por manipulá-las segundo os seus interesses de coação social na sua própria ordem interna e dos interesses políticos de dominação externa.

É o que nos afirma Freud, ao efetuar uma significativa distinção entre o que chama "Estado civilizado" e "Estado combatente". A decadência dos valores morais e das instituições sociais que garantiam a existência do "Estado civilizado" acabaram por gerar um novo princípio da realidade cada vez mais irracional, brutal e destrutivo. Freud desenvolve argumentos veementes contra a brutalização da civilização, cuja expressão mais crassa é a impotente submissão do indivíduo ao incrível aparato de destruição e poder contido no interior de cada "Estado combatente". Neste novo princípio da realidade, o "Estado combatente se permite todas as injustiças e todas as violências que desonrariam ao indivíduo", e ainda "exige de seus cidadãos um máximo de obediência e de sacrifício, mas os incapacita com um excesso de ocultação da verdade e uma censura da intercomunicação da livre expressão de suas opiniões, que deixam indefeso o ânimo dos indivíduos assim submetidos intelectualmente, frente a toda situação desfavorável e todo rumor desastroso".³² Sua crítica, pois, é toda ela dirigida às transformações políticas e culturais ocorridas no conteúdo e no objetivo da civilização:

Arrastados pelo redemoinho desta época de guerra, somente unilateralmente informados, a distância insuficiente das grandes transformações que se tem efetuado ou começam a cumprir-se e sem indício algum do futuro que se está estruturando, andamos desencaminhados na significação que atribuímos às impressões que nos sufocam e na valoração dos juízos que formamos. Quer parecer-nos como se nunca acontecimento algum houvera destruído tantos estimados bens comuns da Humanidade, perturbado tantas inteligências, entre as mais capazes, e rebaixado tão profunda-

³¹ FREUD, S. Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte. In: *Obras Completas*, trad. Luis López-ballesteros y de Torres, volume II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1948, p. 1006.

³² *Id.*, p. 1005.

*mente as coisas mais elevadas. Mesmo a ciência tem perdido sua imparcialidade desapaixonada! Seus servidores, profundamente irritados, procuram extrair dela armas para contribuir a combater o inimigo. O antropólogo declara inferior e degenerado o adversário, e o psiquiatra proclama o diagnóstico de sua perturbação psíquica ou mental.*³³

Trata-se de um profundo depoimento sobre a relação cada vez mais difícil entre os intelectuais e o curso da modernidade no início do século XX. Repudiando toda a atmosfera de destruição, cinismo e hipocrisia, bem como desaprovando a abordagem acrítica e tendenciosa realizada por muitos intelectuais europeus sobre a guerra, a reflexão de Freud dá testemunho da crise em que vivia a inteligência européia no início deste século. Envolto na atmosfera geral de desilusão e amargura, o psicanalista austríaco revela ser um intelectual iluminista. Como um herdeiro (crítico) da tradição iluminista, o autor dirige um duplo protesto contra a brutal destruição da natureza e dos homens e contra a transformação do papel dos intelectuais e da ciência neste processo. Freud não compactua com as idéias autoritárias, racistas e nacionalistas que povoavam a mentalidade dos intelectuais franceses e alemães, para ficarmos apenas nos dois países banhados pelo rio Reno. No aforismo de Freud sobre a necessidade de "suportar a vida", e não mais de vivê-la conforme outrora, importa destacar o modo como o autor combate o novo papel dos intelectuais e o uso indevido da ciência como técnica de dominação, opressão e destruição total.

O sono da razão, promovido pelas forças sociais que valorizavam os mitos e as tradições nacionais, era compartilhado por muitos intelectuais que participavam ativa e euforicamente da construção da máquina de guerra presente em cada "Estado combatente". Transformados em soldados da pátria, os intelectuais abandonavam o conceito de humanidade colocando no seu lugar a afirmação das idéias raciais, dos valores originários do sangue e do solo, e da singularidade do destino singular de cada Nação na história. Com sutileza, mas sem ocultar toda a sua decepção frente ao modo como muitos intelectuais defendiam a destruição total do inimigo, aponta Freud para "a falta de penetração que se revela nos melhores cérebros, a sua obscuridade e sua impermeabilidade aos mais vigorosos argumentos e a sua credulidade, isenta de crítica, para as afirmações mais discutíveis".³⁴

Numa época marcada pela extrema valorização e justificação da guerra, dos mitos e das tradições nacionais, Freud manteve-se lúcido para poder compreender que a exaltação da guerra feita pelos intelectuais europeus compunha, na verdade, "um quadro tristíssimo, e queremos fazer constar que não vemos - como faria um cego partidário -

³³ Id., p. 1002.

³⁴ Id., p. 1004.

todos os defeitos intelectuais em um só dos lados". Logo, no ensaio *Considerações sobre a morte e a guerra*, podemos vislumbrar a presença de um tema que será caro nos debates ocorridos no final dos anos 20: o questionamento do papel dos intelectuais que abandonaram a defesa dos valores espirituais e eternos em favor da construção de fins práticos e objetivos de cada Nação na arena da guerra imperialista.

Em *O Efêmero*, cuja idéia central serviria como base para o famoso ensaio *Luto e Melancolia*, Freud novamente coloca em questão a atmosfera de mal-estar causada pela destruição da natureza e da cultura européia durante a primeira guerra mundial:

Um ano depois, a guerra foi desencadeada e roubou ao mundo todas as suas belezas. Não somente aniquilou o primor das paisagens que alcançou e as obras de arte que encontrou em seu caminho, senão que também rompeu nosso orgulho pelos progressos logrados na cultura, nosso respeito ante tantos pensadores e artistas, as esperanças que havíamos posto numa superação definitiva das diferenças que separam os povos e as raças entre si. A guerra enlodou nossa excelsa equanimidade científica, mostrou em crua desnudez nossa vida instintiva, desencadeou os espíritos malignos que moram em nós e que supúnhamos dominados definitivamente por nossos impulsos mais nobres, graças à uma educação multissecular. Obscureceu novamente o âmbito de nossa pátria e voltou a tornar longínquo e vasto o mundo restante. Nos despojou muito do que amávamos e nos revelou a caducidade de muito do que acreditávamos estável.³⁵

São vários os problemas construídos por Freud a respeito da "maldade desta época".³⁶ Todavia, antes de analisarmos os argumentos utilizados pelo autor, convém situar o seu ensaio na atmosfera cultural e política na qual ele foi concebido. Freud escreveu *O Efêmero* respondendo ao convite feito pela Goethebund de Berlim, que almejava publicar um volume comemorativo chamado *Das Land Goethe 1914-1916, O País de Goethe 1914-1916*. Não poderia haver título que, mesmo indiretamente, revelasse com maior precisão os dramas expostos por Freud nos seus ensaios sobre a atmosfera de mal-estar presente nos diversos Estados em luta. A Alemanha do Reich, bem como os outros países imperialistas, não representava mais o "Volk der Kinder und Denker", O povo dos poetas e pensadores. Ao contrário, a Alemanha era diagnosticada e retratada segundo um trocadilho elaborado pelo escritor austríaco Karl Kraus como sendo "O povo de juizes e carrascos".³⁷ Neste aforismo, Karl Kraus satiriza e coloca em questão os argumentos ideológicos que sustentavam as idéi-

³⁵ FREUD, S. Lo Perecedero. In: *Obras Completas*, Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres, volume II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1981, p. 2119.

³⁶ FREUD, S. Consideraciones de actualidad sobre la guerra e la muerte. In: *Obras Completas*, trad. Luis López-Ballesteros y de Torres, volume II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1948, p. 1003.

³⁷ KRAUS, K. *Ditos e Desditos*, Trad. M. Suzuki e W. Loewenberg, São Paulo, Editora Brasiliense, 1998, p. 150.

as missionárias da Alemanha Imperial do Kaiser Guilherme II. Karl Kraus condena o sonho bélico de “virilização” da Europa cultuado pelos ideólogos da Kultur e da missão imperial alemã. Peter Gay, refletindo a atmosfera cultural e política sintetizada no aforismo de Karl Kraus, argumenta que:

Em Agosto de 1914 o mundo Ocidental experimentou uma psicose de guerra. A guerra aparentava aliviar o tédio, era um convite ao heroísmo, um remédio contra a decadência. Mas foi na Alemanha que essa psicose atingiu o auge do absurdo. Os homens maduros, os adolescentes, os desajustados, tomavam-se voluntários com alegria, e iam para a morte convictos de sua missão. A guerra oferecia “purificação, libertação e uma enorme esperança”; “inflamava o coração dos poetas” com uma sensação de alívio que “o mundo de paz havia feito desmoronar”, um mundo do qual “estava-se cansado, tão tremendamente cansado”. Somente a “vitória a qualquer preço” poderia dar um significado à vida; os alemães haviam finalmente se reunido como um Volk, unicamente os alemães eram “verdadeiros, autênticos, machos e objetivos”, uma terra de heróis enfrentando adversários carregados de “covardia, baixeza e falsidade”, palavras bombásticas como Volk, Reich, e Geist ganhavam agora novo significado nessa grande cruzada pela Kultur. Essas não são, como poderia parecer, expressões imaginárias; são essas as expressões de Thomas Mann e Friedrich Gundolf, e existiam milhares de outras, velhas e novas, que soavam exatamente da mesma forma.³⁸

Assim, na Alemanha do Reich surgia a afirmação de um novo *ethos* missionário cujo alvo era tanto o de extirpar o estado de decadência espiritual promovido pelos valores culturais e políticos oriundos de fora, da Civilização francesa e inglesa, como o de promover uma ampla regeneração da Kultur germânica. Um duplo processo que somente poderia ser alcançado através da higiene da guerra. É o que aponta o filósofo húngaro Georg Lukács no artigo *Die deutschen Intellektuellen und der Krieg, Os intelectuais alemães e a guerra*, onde demonstra que a celebração da guerra como um evento total era concebida como uma espécie de purificação dos indivíduos e das Nações, uma ideologia amplamente utilizada pelos intelectuais alemães no início deste século. Citando o ensaio *Friedrich und die grosse Koalition* (1915) (Frederico e a grande coalizão) de Thomas Mann afirma que: “o que entusiasmava os alemães era a própria guerra em si, vista como uma provação, como uma necessidade moral”³⁹

De fato, a guerra mundial não somente enlodou a “excelsa equanimidade científica” revelando, assim, o forte vínculo entre o progresso científico e o processo político de dominação e coerção social,

³⁸ GAY, P. A. *Cultura de Weimar*, trad. LL. Braga. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 24.

³⁹ Apud LUKACS, G. *Die deutschen Intellektuellen und der Krieg*. In: *Text+Kritik, Zeitschrift für Literatur*. München, Herausgeber H. L. Arnold, 1978, p. 65.

5
1

como também representou uma época na qual a autoridade dos intelectuais, ou da cultura no sentido lato do termo, foi superada pela poderosa onda da cultura da autoridade. Na reflexão de Freud sobre a extensão da onda destrutiva que alcançava os objetos artísticos, os valores culturais e as conquistas sociais, queremos destacar o sentido da crítica que o psicanalista constrói sobre o vínculo existente entre o "Estado combatente" e os intelectuais. Sua decepção frente à utilização da ciência como parte da grande máquina de guerra em que se transformou o "Estado combatente", estende-se aos "tantos pensadores e artistas" partidários da destruição. Sua crítica é toda ela endereçada aos intelectuais integrantes da chamada "geração de 1914", defensores dos valores nacionalistas, raciais e autoritários, e que defendiam a crença de que a redenção da pátria somente poderia acontecer no interior da guerra e através da total destruição do inimigo.

A posição de Freud, nos seus ensaios escritos durante e sobre a primeira guerra mundial, foi toda ela distinta da celebração da morte e da guerra feita por vários intelectuais alemães. Vimos o quanto a postura de Freud frente à guerra foi contrária aos ideais da "geração de 1914". Importa, aqui, destacarmos a convicção que manteve, desde o início, de que a guerra mundial causava uma profunda fratura do conceito de humanidade construído mediante o esforço de "uma educação multissecular" baseada nos ideais da razão, ciência, liberdade, igualdade e ilustração. Na ampla crise da modernidade, exposta na fratura entre o iluminismo e racionalismo, e sobretudo com a eclosão da primeira guerra mundial, Freud compreendeu, com precisão e clareza, o fato de que a guerra mundial não iria libertar as Nações européias da profunda decadência dos valores morais e espirituais, mas sim que ela deveria obscurecer "novamente o âmbito de nossa pátria" tornando "longínquo e vasto o mundo restante". Premonição de um dilema que irá persistir ao longo das décadas de 20 e 30, cultivado nos confrontos entre opiniões inconciliáveis sobre o sentido da história que surgirão no âmbito da exaltação ao nacionalismo, eclodindo tragicamente na segunda guerra mundial. Décadas nas quais os indivíduos tiveram que suportar o trágico destino de viver a realidade contida no imperativo *si vis pacem, para bellum*.

Referências bibliográficas

- FREUD, S. "Consideraciones de actualidad sobre la guerra e la muerte". In: *Obras Completas*, trad. Luis López-Ballesteros y de Torres, volume II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1948.
- FREUD, S. Lo Percedero. In *Obras Completas*, trad. Luis López-Ballesteros y de Torres, volume II, Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1981.
- GAY, P. *A Cultura de Weimar*, trad. L. L. Braga, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- HOBBSBAM, E. *Historiker wie auf Urlaub*. Eric Hobsbawm im Gespräch mit Daniel Haufler. In *Neue Rundschau*, Heft 4, 1996.
- KRAUS, K. *Ditos e Desditos*, trad. M. Suzuki e W. Loewenberg, São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.
- LEPENIES, W. *Las tres culturas. La Sociología entre la Literatura y la Ciencia*, trad. J. Colón, México, Fondo de Cultura Económica, 1994.
- LOCKE, J. *Segundo Tratado sobre o Governo*, trad. E. J. Monteiro, São Paulo, Abril Cultural, 1973.
- LOSURDO, D. *Hegel et la catastrophe allemande*, trad. Charles Alunni, Paris, Albin Michel, 1994.
- LOSURDO, D., "L'engagement e i suoi problemi. Fortuna e tramonto di una categoria nella cultura italiana", in *Prassi. Come orientarsi nel mondo*, a cura di G.M. Cazzaniga, D. Losurdo, L. Sichirollo, Urbino, QuattroVenti, 1991.
- LOSURDO, D. *Il peccato originale del Novecento*, Roma-Bari, Editori Laterza, 1998.
- LUKACS, G. Die deutschen Intellektuellen und der Krieg. In *Text+Kritik*, Zeitschrift für Literatur, München, Herausgeber H. L. Arnold, 1978.
- LUKACS, G. *La destruction de la raison*, trad. R. Girard, Paris, L'Arche Éditeur, 1959.
- MARCUSE, H. Der Kampf gegen den Liberalismus in der totalitären Staatsauffassung. In *Kultur and Gesellschaft I*, Frankfurt, Suhrkamp Verlag, 1965.
- MITSCHERLICH, A., *Vers la société sans pères*, trad. M. Jacob, Paris, Éditions Gallimard, 1969.
- SERRA, M. *La Ferita della modernità. Intellettuali, totalitarismo e immagine del nemico*, Bologna, Società editrice il Mulino, 1992.
- WEBER, M. El sentido de la "neutralidad valorativa" de las ciencias sociológicas y económicas. In: *Ensayos sobre metodología sociológica*, trad. J. L. Etcheverry, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1973.
- WEBER, M., *Economía y Sociedad*, trad. J. M. Echavarría, Argentina, Fondo de Cultura Económica, 1992.
- WEBER, M., *Bibliografía de Max Weber*, México, Fondo de Cultura Económica, 1995.